

### P.<sup>o</sup> Joaquim José da Rocha Espanca

Nas ferias do Entrudo de 1890 fiz uma excursão archeologica pelo Alto-Alemtejo, indo nessa occasião pela primeira vez a Villa-Viçosa. Eu aqui não conhecia ninguem, e unicamente levava uma carta de apresentação para o Sr. prior de S. Bartholomeu, o Rev.<sup>do</sup> Joaquim José da Rocha Espanca.

Apenas cheguei a Villa-Viçosa, e pus a mala na hospedaria, tratei de procurar o prior, que era, pelos seus estudos e predilecções archeologicas, a unica pessoa que me podia informar sobre o que eu queria.

Como na hospedaria não havia quem me acompanhasse, e a noite já estava entrada, e pouca gente se encontrava, andei pela villa algum tempo um pouco á toa, por terreiros, viellas, e ruas esquecidas, em busca da casa do prior, até que por fim, vendo numa rua estreita, que me indicaram, bruxulear uma luz por dentro de uma janella baixa, resolvi-me a bater á porta, fosse de quem fosse a casa.

Era effectivamente a residencia do Sr. prior de S. Bartholomeu de Villa-Viçosa.

—Entre!

Foi a palavra que ouvi, depois de penetrar na casa de fóra guiado por uma criada velha, e ao aproximar-me do escriptorio em que elle velava. E appareceu a receber-me um homem alto, magro, de oculos, envolvido num farto capote, e de physionomia agradável e insinuante. Estava deante de mim o P.<sup>o</sup> Espanca, — nome este por que mais vulgarmente era conhecido.

Mal lhe disse ao que ia, e lhe entreguei a carta, tratou-me logo com toda a affabilidade. E em quanto elle, com um sorriso bondoso, lia a carta de pé, achegando-a aos seus olhos de myope, percorria eu com a vista aquella pequena sala de homem de estudo, ladrilhada de tijolo vermelho, segundo o costume alemtejano, rodeada de armarios e de estantes com livros e papeis, e mal alumada por uma luz de azeite num candieiro de metal amarello, de gôsto antigo.

No seu enthusiasmo pela archeologia, o Rev.<sup>do</sup> Espanca levou-me mesmo áquella hora, dez e tanto da noite, a alguns dos locaes de Villa-Viçosa que eu desejava visitar, — taes como o da igreja dos Agostinhos, onde estão diversas inscripções latinas do nosso deus lusitano Endovellico, o do Paço ducal, o do castello. Eu tinha andado bem boas horas de comboio e de diligencia, estava mesmo um tanto debilitado do estomago: mas nem por isso senti enfado neste passeio nocturno, indo, como ia, acompanhado por tão erudito cicerone, que co-

nhecia Villa-Viçosa por fóra e por dentro, nas suas lendas e nos seus fastos de gloria, desde os tempos mais antigos até á actualidade.

Depois do passeio, Espanca conduziu-me outra vez a casa, cujas curiosidades archeologicas me mostrou: uma inscripção romana, que tinha fixa na parede, para lh'a não roubarem; um punhado de moedas romanas e portuguezas; varios machados prehistoricos de pedra polida. Por fim, sentando-se ao piano, na sua sala de visitas, que era ao mesmo tempo *museu*, tocou e cantou umas peças sacras de sua lavra, pois, alem de antiquario, Espanca era poeta e musico.

Áquellas horas mortas da noite, tudo dormia na nobre terra senhorial dos duques de Bragança; as ruas estavam desertas; não se ouvia rumor algum lá fóra, — e só talvez errava ao longe, através das alamedas dos jardins ducaes, alumada pela lua livida, a alma do pagem Alcoforado, á procura dos beijos de D. Leonor, sob os anathemas formidaveis e as precauções da sombra de D. Jaime: por isso a melodia do piano e a voz untuosa e mystica do prior, espalhando-se no silencio da noite solitaria, adquiriam tons solemnes. . . e eu julguei-me por momentos arrebatado num sonho: tão íntima foi a impressão que recebi, e de que ainda agora, após sete annos, conservo viva lembrança!

\*

Desde 1890 mantive sempre com o P.<sup>o</sup> Espanca relações de amizade, tendo tornado a visitá-lo na sua casa de Villa-Viçosa por mais de uma vez, nas minhas passagens por aquella villa, e tendo recebido d'elle, ha annos, uma lapide romana, que está hoje no Museu Ethnologico Português. Não foi pois sem commoção, que ultimamente li num jornal a noticia do seu prematuro fallecimento!

Faltaria a um dever se deixasse de publicar n-*O Archeologo Português* uma homenagem de saudade á memoria do prestimoso antiquario, que tanto queria á historia de Villa-Viçosa, e que alguns bons serviços prestou á archeologia geral do nosso país. É o que vou fazer, recordando factos da sua vida, e enumerando os seus trabalhos litterarios.

\*

Lê-se n-*A Vida Moderna*, n.<sup>o</sup> 14, de 17 de Dezembro de 1896, e n.<sup>o</sup> 17, de 7 de Janeiro de 1897, num artigo firmado pelo Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno abbade de Miragaia:

«O Rev.<sup>do</sup> Sr. P.<sup>o</sup> Joaquim José da Rocha Espanca, filho de Villa-Viçosa, e filho muito benemerito, pois ninguem até hoje estudou mais profundamente a historia e antiguidades da sua terra natal, nasceu na freguesia de S. Bartholomeu d'esta villa a 17 de Maio de 1839, e é filho legitimo de Joaquim José Lourenço da Rocha Espanca e de D. Maria das Dores da Purificação Pereira.

Depois de estudar instrucção primaria, latim, cantochão, musica, piano, e orgão nesta villa passou em 1856 para o seminario episcopal de Evora, onde completou os seus preparatorios e fez o curso triennial com distincção.

Recebeu a ordem de presbytero a 17 de Setembro de 1863, e, depois de ter sido capellão da irmandade das Almas em Bencatel durante 14 annos, collou-se na freguesia de Paradaes, tomando posse a 25 de dezembro de 1877, — e desde 1868 reside em Bencatel com o Rev. Sr. Antonio Joaquim da Rocha Espanca, seu irmão, tambem presbytero de muito merecimento e prior da dicta aldeia.

Tem-se dedicado muito ás letras e á musica, principalmente sacra, na qual tem composto muitas obras que infelizmente ainda não foram dadas á estampa<sup>1</sup>.

Em 1864 principiou a collaborar no jornal religioso *A fé Catholica*, onde, a partir do n.<sup>o</sup> 61, publicou varios artigos, firmados com o seu nome.

Depois escreveu e publicou nas *Leituras Populares* o romancezinho *Heroismo de amor filial* e noticias historicas das egrejas das Mercês e Bencatel — e collaborou nos almanachs do *Bom Catholico* e da *Immaculada Conceição*, etc.

Em 1882 publicou na *Ordem*, jornal religioso de Coimbra, um extenso protesto contra o centenario do marquês de Pombal.

O finado publicou tambem um *protesto* em latim contra a invasão da *Porta Pia* e contra a usurpação dos *Estados Pontificios* em 1870, — protesto que foi assignado por elle e pelo reverendo irmão Antonio José Rocha Espanca, então prior de Bencatel, e publicado no *Eco de Roma*.

<sup>1</sup> No referido jornal *A Vida Moderna*, n.<sup>o</sup> 14, de 7 de Janeiro de 1897, inseriu o sr. Abbade de Miragaia, um *Catalogo das obras musicas do padre Joaquim José da Rocha Espanca, de Villa Viçosa*. D'esse catalogo se vê que Espanca compôs 73 obras musicas, distribuidas em seis grupos; 1) para piano sómente; 2) para piano e canto; 3) para instrumental; 4) para instrumental e canto; 5) musica religiosa em lingua portuguesa para novenas; 6) musica sacra.

No campo de poesia creio que apenas compôs alguns hymnos e peças religiosas; certamente cousa de pouco valor.

\*

Como nos artigos do P.<sup>o</sup> Espanca precedentemente indicados pouco ou nada haverá que interesse á archeologia, e como tambem não tive occasião de os ver, nada direi d'elles, e passarei a fallar dos que são propriamente archeologicos, e que eu li.

1. No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 3.<sup>a</sup> serie, 1882, pag. 253 sqq. e 274 sqq., publicou o P.<sup>o</sup> Espanca um artigo com este titulo «O deus Endovellico dos Celtas (*sic*) do Alemtejo», dividido em 9 capitulos: 1) historia litteraria do assumpto; 2) inscripções já publicadas; 3) destino das lapides precedentes; 4) lenda erudita do templo; 5) significação do deus; 6) novas inscripções dadas a conhecer por Espanca; 7) proveniencia da pedra das aras; 8) local do templo; 9) destino e ruinas do templo.

Pelo que escrevi n-*O Arch. Port.*, I, 43 sqq., sabem já os leitores alguma cousa do deus lusitano Endovellico, cujo templo ficava no alto do monte de S. Miguel da Mota, ao pé de Terena, no Alemtejo.

O que o P.<sup>o</sup> Espanca diz no 1.<sup>o</sup> capitulo do seu artigo póde não só agora, mas já podia no tempo da redacção (1882), ser augmentado com diversas outras noticias: o que farei na parte que a este deus consagrarei no vol. II das minhas *Religiões da Lusitania*. O que diz no cap. 5.<sup>o</sup> sobre a significação etymologica do nome do deus, é inteiramente phantastico. O capitulo mais importante d'este artigo, e com o qual contribuiu para o conhecimento da historia do deus, é o 6.<sup>o</sup>, em que o A. publica pela primeira vez nove inscripções que elle encontrou numa visita que fez ao monte em 1874. Alguns dos outros capitulos são tambem curiosos.

Actualmente as lapides do deus Endovellico estão nos seguintes pontos: a) umas na igreja dos Agostinhos, em Villa Viçosa; b) outras na igreja da Boa-Nova, em Terena; c) outras em poder do Sr. Dr. Martins, no Redondo; d) outras, a maior parte, no Museu Ethnologico Português. A inscripção que André de Resende diz que se achava na torre do castello do Alandroal, por mais que lá a procurei, não a achei.

2. Na *Revista Archeologica*, I, 45, 100, e II, 173, publicou o P.<sup>o</sup> Espanca os seguintes artigos (1887-1888):

- a) «Os estudos archeologicos em Portugal»;
- b) «Mais um monumento epigraphico de Bencatel»;
- c) «As Lacóbrigas da Lusitania».

O primeiro é uma breve noticia do movimento archeologico em Portugal. Nelle se lê um periodo que julgo util transcrever: «os senhores parochos poderiam, se quisessem, cooperar muito nesta obra, resehando cada um os monumentos antigos das localidades em que vivem; e assim poderia fazer-se uma ideia exacta do que já existiu de notavel entre nós, e ainda existe digno de contemplar-se». O P.<sup>o</sup> Espanca deu por si o exemplo, como logo veremos; oxalá todos os outros parochos o seguissem!

O segundo artigo contém a noticia de uma lapide funeraria romana, que depois foi publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5211. Tambem ha nelle umas palavras dignas de serem transcriptas: «conviria que se promulgasse uma lei que obrigasse os municipios a remunerar com quaesquer quantias as pessoas que lhes apresentassem monumentos antigos. Nesse caso, com a mira no interesse monetario, aquelles que descobrissem qualquer antigualha a levariam logo á auctoridade».

O terceiro artigo está feito sem grande critica, e foi certamente só por deferencia para com o auctor que Borges de Figueiredo o publicou.

3. Para a conclusão do *Portugal antigo e moderno*, obra começada a publicar pelo fallecido Pinho Leal, necessitou o continuador d'ella, o Sr. Dr. Pedro A. Ferreira, a quem já a cima me referi, de recorrer a diversas pessoas, e principalmente a parochos, para obter esclarecimentos geographicos e historicos que lhe faltavam. Nestas circumstancias dirigiu-se tambem ao P.<sup>o</sup> Espanca em 1884, como diz n-*A Vida Moderna*, n.<sup>o</sup> 14, de 17 de Dezembro de 1896, acrescentando que elle lhe ministrou os apontamentos para o artigo intitulado VILLA VIÇOSA, «que é todo ou quasi todo d'elle, e um dos mais longos e mais interessantes de todo o dictionario».

Neste artigo ha tambem umas curiosas noticias sobre as antiguidades romanas de Bencatel. O P.<sup>o</sup> Espanca, como se disse a cima, residiu muito tempo em Bencatel. Foi aqui, no meio d'estes campos, onde a cada passo apparecem inscrições, tegulas, moedas, pedras lavradas e esculpturas, que o gosto do P.<sup>o</sup> Espanca se despertou para a archeologia. O artigo sobre Endovellico, e os dois primeiros artigos da *Revista Archeologica*, estão datadas ainda d'esta aldeia. Em Bencatel se encontrou o celebre monumento de *Fontanus* e *Fontana*<sup>1</sup>, que veiu depois para Lisboa, onde ha muito se perdeu: as minhas diligencias para o achar tem sido baldadas! Eu estive duas vezes em

<sup>1</sup> Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 150.

Bencatel, já depois do P.<sup>o</sup> Espanca ter de lá sahido, e posso confirmar tudo ou quasi tudo o que elle diz no artigo sobre VILLA VIÇOSA, publicado no *Portugal Antigo e Moderno*. Nas minhas excursões a Bencatel acompanhou-me o meu prezado amigo José Velladas da Silveira Bello, do Alandroal, que me facilitou a visita ao proximo campo dos Villares e a outras localidades, onde abundam antigualhas. Em Bencatel appareceu tambem o monumento funerario romano de que fallo a cima, e que o P.<sup>o</sup> Espanca me cedeu, facto a que elle se refere nas *Memorias de Villa Viçosa*, pag. 70.

Está hoje reconhecido que o *meio* influe poderosamente nos individuos. Como não havia, pois, o P.<sup>o</sup> Espanca de se dedicar á archeologia, elle que possuia genio investigador, que recebêra por occasião do seu curso escolar alguma instrucção classica, e que em Bencatel e em todas aquellas redondezas, onde estava o castello do Alandroal, o castello de Terena, as ruinas do *fanum* de Endovellico, a igreja da Senhora da Boa Nova, e a historica Villa-Viçosa, tinha um estímulo a provocá-lo constantemente a estudar?

4. Quando estive a primeira vez com o P.<sup>o</sup> Espanca, mostrou-me elle tres ou quatro grossos volumes manuscriptos que intitulára *Memorias de Villa Viçosa*, onde comprehendêra tudo quanto, em laboriosas investigações em archivos, etc., havia podido recolher a respeito d'aquella villa.

Por difficuldades de impressão da obra completa, resolveu-se a publicar apenas um resumo, a que chamou—*Compendio de noticias de Villa-Viçosa*, Redondo 1892, 448 pag. in-8.<sup>o</sup>, com mais 1 de erratas, e uma planta da villa.

A obra divide-se em onze capitulos, e trata dos seguintes assumptos: topographia da villa e seu concelho (cap. I); archeologia da villa e concelho, e fundação de Villa-Viçosa (cap. II-IV); esplendor da villa e resumo da historia da Casa de Bragança (cap. V); primeira decadencia de Villa-Viçosa (cap. VI); segunda decadencia (cap. VII); monographia sobre varios edificios, fontes, etc. (cap. VIII); instrucção pública, bellas artes e bibliotheca (cap. IX); agricultura, industria, feiras (cap. X); pessoas notaveis da villa (cap. XI).

Fructo de longos dias de trabalho, entre o pó dos cartorios e das bibliothecas, nas ruinas dos monumentos, em toda a parte, emfim, onde póde decifrar-se uma data antiga, ou apurar-se uma lembrança historica: geralmente o público não avalia o que custam trabalhos d'estes, e quanta paciencia, quanto affinco, não é ás vezes necessario empregar para chegar a qualquer resultado proficuo.

Muitos dos factos baseiam-se em documentos manuscriptos, compulsados pelo A., e por isso não os posso confirmar ou rectificar. Os que se referem aos tempos antigos necessitam porém de grandes correcções; nem sempre também o A. escolhe os que são verdadeiramente importantes, apresentando muitos que podiam ficar na sombra; o estylo é bastante descosido, para o que contribuia a natureza do livro, essencialmente rico de elementos estatísticos: não obstante tudo isto, encontrar-se-hão no *Compendio de noticias de Villa-Viçosa* informações apreciaveis que hão de sempre utilizar a um investigador que se sirva d'ellas com critica.

5. Segundo se disse a cima, o P.<sup>o</sup> Espanca, depois de ser capellão das almas em Bencatel, collou-se parochio na freguesia de Pardaes (1877): foi no tempo que parochiou esta freguesia, que teve conhecimento de umas antas ou dolmens, que o levaram a manifestar ideias um tanto estranhas sobre a prehistoria.

No *Compendio das noticias de Villa-Viçosa*, pag. 74, diz peremptoriamente: «Saibam este meu sentir os prehistoristas: as antas eram choças dos tempos prehistoricos». Esforçando-se por demonstrar este ponto, escreveu em 1894 um opusculo de 55 pags. in-8.<sup>o</sup>, intitulado *Estudo sobre as antas e seus congeneres*, impresso em Villa Viçosa, por mãos do proprio auctor, em prelo seu particular. Este opusculo era o 1.<sup>o</sup> de uma serie, de que porém mais nenhum se publicou.

Não vale a pena insistir num assumpto tão infeliz como este, pois as antas são sepulcros, e não choças. Quero porém dar noticia de uma polemica litteraria que d'elle se originou.

Tendo-o o Sr. P.<sup>o</sup> Isidro Brenha criticado na *Vida Moderna*, em varios artigos, cujo 1.<sup>o</sup> sahiu no numero correspondente a 1 de Maio de 1895, o P.<sup>o</sup> Espanca respondeu-lhe no mesmo jornal, noutros artigos, cujo primeiro sahiu no numero de 20 de Junho de 1895; o sr. P.<sup>o</sup> Brenha treplicou, do numero correspondente a 24 de Outubro em deante, e o P.<sup>o</sup> Espanca tornou a replicar, no numero de 30 de Janeiro de 1896 até o de 24 de Junho, em que a questão terminou. Eu achei-me também envolvido nella, como se viu dos artigos reproduzidos n-*O Arch. Port.*, I, 92 sqq. e 172 sqq. O P.<sup>o</sup> Espanca morreu impenitente neste ponto, em que as suas ideias religiosas e o seu espirito pyrrhonic o não deixavam ver claro.

6. No *Archeologo Português*, I, 216-217 publicou um artigo intitulado «Monumento sepulcral de Juromenha», em que dá conta de uma inscripção romana até então inedita, — inscripção que por esforços

do meu prestante amigo José Velladas da Silveira Bello, do Alandroal, já hoje figura no Museu Ethnologico Português.

Este artigo, e os da polemica na *Vida Moderna* foram, creio eu, os ultimos que Espanca escreveu sobre archeologia.

\*

Não tenho conhecimento de outros artigos ou obras de archeologia do nosso auctor, alem dos que ficam mencionados; se mais alguns escreveu, elles devem ser de pouca importancia.

O P.<sup>o</sup> Joaquim José da Rocha Espanca, falleceu na sua casa de Villa-Viçosa em 26 de Novembro de 1896, com 57 annos de idade, após breve doença.

Por testamento legou á Bibliotheca Pública de Evora tres volumes manuscriptos de sermões seus, quasi todos os que prègara, e que na occasião do fallecimento andava imprimindo (já impressas 20 folhas); legou á Bibliotheca Municipal de Villa-Viçosa, tres volumes in-folio, tambem manuscriptos, das suas *Memorias de Villa-Viçosa*; e instituiu que a sua casa, capella e livraria ficassem para disfructo dos parochos que lhe succedessem.

Outros factos biographicos, que não vem a proposito mencionar numa revista archeologica, podem vêr-se no desenvolvido artigo que a respeito do fallecido publicou o Sr. Abbade de Miragaia nos n.<sup>os</sup> 1, 2 e 3, de 17 e 24 de Dezembro de 1896 e de 7 de Janeiro de 1897 d'*A Vida Moderna*, artigo de certo muito benevolo quanto á apreciação dos meritos scientificos do biographado, mas escripto com boa alma: d'elle extrahi para aqui algumas noticias propriamente biographicas.

\*

Chegados a tal altura da presente noticia necrologica, necessítamos de saber quaes, em synthese, os meritos do P.<sup>o</sup> Espanca no campo da archeologia nacional.

A minha opinião é esta: o P.<sup>o</sup> Espanca não era propriamente archeologo; era antiquario e curioso, mas instruido. A sua instrucção, com respeito ao caso que nos interessa, limitava-se porém ao latim, lingua que ensinava particularmente, e sobretudo á leitura dos nossos antigos chronistas e historiadores; Espanca não acompanhava o moderno espirito scientifico, antes, como se vê do opusculo sobre as antas, fugia d'elle. D'aqui resultou o usar de pouca critica nos seus estudos, e ser necessaria certa circumspecção ao aproveitarem-se os materiaes

que colligiu. No entanto devem ser tomados na devida conta de aprêço e louvor os serviços por elle prestados em salvar do esquecimento monumentos lapidares e noticias historicas, que laboriosamente buscou e recolheu. Quantos, podendo fazer o que elle fez, servindo a patria, o não fazem, e adormecem de inacção?

J. L. DE V.

### O territorio do antigo Castro de Oville

Ao sul, poucas leguas, da elegante praia do Espinho, encontra-se uma lagoa rarissimas vezes representada nos mappas. Não tem hoje nome exclusivamente seu, nem provavelmente o teve nunca; pôde, porém, indicar-se com a denominação das freguesias que lhe são limitrophes: Esmoriz ou Paramos.

Toda a costa comprehendida entre as fozes do Douro e do Mondego, com excepção d'estes sitios extremos, é formada de areia de que resulta a constante alteração do aspecto da beira-mar; pois a lucta das correntes oceanicas e fluviaes dando-se com aquelle elemento, tão instavel que basta o vento para o deslocar, as barreiras que se formam naturalmente pelo deposito das areias impedindo a descarga dos rios sobre o mar tem de ser eliminadas pela mão do homem para evitar maiores prejuizos. Segundo as memorias de 1758 dos parochos d'aquellas duas freguesias, dentro das quaes existe a lagoa (*Diccionario Geographico*, Archivo Nacional), a areia por vezes fechava a abertura da bacia onde desaguavam algumas ribeiras, motivando assim a inundação dos terrenos vizinhos pelas aguas que procuravam um novo caminho para se lançarem no mar, e obrigando toda a população a abrir um novo canal apropriado<sup>1</sup>. É possivel que noutras eras tivesse maior extensão o pequeno lago, havendo ainda em 1758 a tradição de terem nelle fundeado caravellas; só, porém, o exame geologico do terreno pôde demonstrar a verdade do facto. Como a Beira maritima é pouco dotada de montanhas e os rios são de curso lento, prova da falta de declividade do territorio, facilmente se tem podido formar lagoas de que tantas possui o districto de Aveiro.

<sup>1</sup> Pela mesma occasião a classe piscatoria estava passando por uma grande crise, devida ao desaparecimento do peixe.